

Revista Exame

O apagão do gás

Após ser estimulados a usar gás natural, os empresários estão numa armadilha -- pode haver racionamento nos próximos anos

Por Gustavo Paul

Mesmo com o desempenho fraco da economia brasileira em 2005, um setor voltado para o mercado doméstico manteve crescimento robusto -- o da distribuição de gás natural. Estima-se que o consumo no país -- em indústrias, geração de energia, residências, comércio e como combustível de automóveis -- tenha aumentado 13% no ano passado. A frota de veículos movidos a gás cresceu 25%. Nos últimos cinco anos, o gás natural ampliou sua participação de mero 1,5% da matriz energética brasileira para 8%. Esses dados deveriam ser motivo para que usuários, distribuidores e produtores de gás comemorassem o futuro promissor do setor. O que se vê, no entanto, é o oposto. O crescimento acelerado da demanda acendeu uma luz amarela -- muitos empresários e especialistas em energia já falam no risco de um apagão do gás nos próximos anos. "Estamos vendo um desequilíbrio crescente entre oferta e demanda, que deve se manter pelo menos até 2009", diz Jorge Trinkenreich, consultor da Mercados de Energia. O quadro fica ainda mais crítico com a eleição de Evo Morales, um intervencionista convicto, para a presidência da Bolívia, maior fornecedor de gás para o Brasil. Morales já anunciou que os preços subirão. A grande ironia dessa história é que o governo brasileiro incentivou com entusiasmo uma série de empresas a adotar o gás como fonte de energia. Milhões de dólares foram gastos com a promessa de economia futura. A promessa, ao que parece, dificilmente será cumprida.

O mercado só não entrou em colapso porque as usinas termelétricas a gás, criadas para evitar problemas de abastecimento, permaneceram desligadas no ano passado por falta de necessidade -- as chuvas foram suficientes para garantir o fornecimento de energia hidrelétrica. Com o esperado reaquecimento da economia, o temor é que seja preciso ligá-las em 2007. "Não haverá gás suficiente para atender ao consumo interno caso seja necessário gerar energia térmica", afirma **Cláudio Salles, presidente da Câmara Brasileira de Investidores de Energia Elétrica**. Pelo menos oficialmente, o governo tem dito que o risco de apagão não existe -- a explicação é que o volume dos reservatórios garante a geração de energia hidrelétrica em quantidade suficiente. Trata-se de um cenário perigosamente semelhante ao que levou à crise de 2001, quando o governo apostou no imponderável, o volume de chuvas, e o país foi forçado a racionar energia. Recentemente, o próprio governo acabou por reconhecer, ainda que de forma implícita, a gravidade da situação. A Petrobras recebeu no ano passado a determinação de transformar suas usinas térmicas em bicomustível, com capacidade de usar também óleo, um claro sinal de que as autoridades já trabalham com a possibilidade de faltar gás.

O cenário nebuloso causa arrepios nos empresários que investiram na conversão dos fornos de suas fábricas para gás, convencidos pelo apelo -- feito pelo próprio governo -- para o uso de

produto mais barato e mais limpo. As indústrias de cerâmica e de vidro, por exemplo, concluíram a transformação dos fornos no ano passado. "Os investimentos fazem parte de uma estratégia baseada na confiança que o governo passava, mas agora ele nos dá uma rasteira", diz Antônio Carlos Kieling, diretor da Associação Nacional dos Fabricantes de Cerâmica para Revestimento. "Estamos em uma armadilha", afirma Lucien Bel monte, executivo da Associação Brasileira das Indústrias de Vidro.

A elevação dos preços do gás é o primeiro sintoma da crise. Desde setembro de 2005 já foram anunciados três reajustes de preço. Para este ano, a Petrobras, responsável pela distribuição, anunciou que fará aumentos trimestrais devido ao encarecimento do gás boliviano. Os aumentos surpreenderam as empresas, ao interromper um período de quase três anos de preço congelado. "Houve incentivo generalizado para o uso, com preços constantes e descontos para quem consumia mais", diz Otmar Josef Muller, diretor industrial da Cerâmicas Eliane, de Santa Catarina. "Os reajustes de agora são uma clara estratégia para desestimular o crescimento do consumo." Para tentar contornar a situação, a Petrobras anunciou investimentos de 18 bilhões de dólares na exploração de óleo e gás na bacia de Santos até 2010. A estatal prevê que poderá escoar parte do gás produzido em alto-mar em 2008, informação contestada pela maioria dos especialistas em razão da complexidade da extração de poços profundos. Para deixar de depender apenas da Bolívia, os governos de Brasil, Argentina e Venezuela começaram a discutir a construção de um novo gasoduto. Ao custo de 17 bilhões de dólares, ele serviria para escoar o gás venezuelano para os mercados do Brasil e da Argentina. Na hipótese -- otimista -- de que o projeto realmente saia do papel, o gasoduto só deverá começar a operar em meados da próxima década.

Desequilíbrio		
As projeções para os próximos anos indicam que não haverá capacidade suficiente para atender ao crescimento da demanda por gás no mercado brasileiro (em milhões de metros cúbicos por dia)		
Ano	<i>Demanda potencial</i>	<i>Déficit</i>
2006	78	14
2007	91	22
2008	98	14
2009	103	20
<i>Fonte: PSR Consultoria</i>		

Problemas à frente	
Indústrias consomem 61% do gás natural fornecido no país. Alguns setores sofrerão perdas expressivas se faltar gás e o preço aumentar. Veja os exemplos:	
Vidro	Em dezembro de 2005, as 32 fabricantes do setor completaram a adaptação dos fornos para o gás. Se for necessário voltar ao óleo combustível, gastarão 50 milhões de dólares na reconversão
Cerâmica	Nos últimos quatro anos, quase todas as 97 empresas do setor passaram a usar gás, responsável por 28% dos custos. O aumento do preço pode comprometer a competitividade externa
Química	Utiliza gás como combustível e como matéria-prima. Projeções para 2008 indicam consumo 60% maior que em 2003. Se o abastecimento for insuficiente, o crescimento será afetado
<i>Fontes: Abegás, Abividro, Anfacer e Abiquim</i>	